



Sacerdócio e Eucaristia

Instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo, na última Ceia, o Sacerdócio e a Eucaristia são inseparáveis. O sentido teológico de ambos os fazem inseparáveis.

Para persistir presente na vida da humanidade, Jesus instituiu o Sacramento da Eucaristia. Com isto, através da transubstanciação, o Senhor continua vivo e verdadeiramente presente entre nós. É magnífico o contexto no qual Ele instituiu o Sacramento da Ordem. Sacramentalmente ficou consolidada a presença do Mestre e Senhor. Para dar consistência a esta Epifania, o Senhor Jesus instituiu o Ministério Sacerdotal.



O Padre está configurado a Cristo. Ele age "in persona Christi". Como servidor de Cristo e de Sua Igreja, ele empresta-se, ou melhor, se doa por inteiro a Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote.

Sem Eucaristia não há Padre e sem Padre não há Eucaristia. Era uma tarde de terça-feira, Padre Claudinei Lourenço de Souza ainda era um Seminarista. Época em que ele fazia o seu estágio pastoral conosco aqui em Viçosa. Estávamos tomando o café na Casa Paroquial, num fraterno convívio, quando ele me disse: Para mim, viver e ser Padre é a mesma coisa. Minha vida é ser Padre. Esta expressão que ouvi em sua homilia, há poucos minutos, é a síntese de seu Jubileu Sacerdotal de Prata. Consenti dizendo: brotou de minh'alma.

Desde os idos de minha juventude sacerdotal, conservo comigo e me revesti desde o princípio: eu não compreendo o meu Ministério sem a Eucaristia. É por isso que eu celebro cada Missa, como se fosse a primeira; celebro como se fosse a última. Por fim, eu celebro como se fosse a única. Diante de nossa pequenez, se eleva o Mistério o qual lemos no mais antigo texto bíblico que traz as palavras da Consagração e mostra as raízes da transubstanciação: "...Com efeito, eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti: Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: 'Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim'. Do mesmo modo, após a ceia, também tomou o cálice, dizendo: 'Este cálice é a nova Aliança, em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim'. Todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha." (A "Ceia do Senhor" – 1Cor11, 23 – 26).

O meu testemunho em relação à Eucaristia está pulverizado numa multiplicidade de experiências que estão enfileiradas em minha memória. No Altar da Eucaristia, eu já morri e já ressuscitei incontáveis vezes. Revivo o poema de João Guimarães Rosa: "... A primeira vez que me mataram, levaram-me o brilho que eu tinha em meu olhar; a segunda vez que me mataram, levaram-me o sorriso que eu tinha nos lábios; a terceira vez que me mataram, levaram-me a serenidade que eu tinha em meu rosto..." No cálice de cada Missa, eu deposito estas mortes, e no Pão Consagrado eu celebro: todas as vezes que me mataram, Jesus me Ressuscitou, e minha vida de ressuscitado é muito mais plena.

O Sacerdócio é dom e mistério que decorre do caráter sacramental, tendo como ponto fulcral a Eucaristia. Traz consigo o aspecto oblato: oferta e reparação. A vocação se dá por iniciativa de Deus. Ele chama e concede o dom gratuitamente. Quem ouve, atende e vive livremente o SIM aos desígnios de Deus a seu respeito.

O Ministro Ordenado deve contemplar o Amor de Deus em favor de toda a humanidade, imergindo a própria vida n'Aquele que realiza a Salvação. O protagonismo da Redenção é de Deus,

pois "O Senhor chamou os que Ele quis" (Mc 3, 13). Quem opera é Ele. Quem realiza os Sacramentos é a ação do Seu Espírito Santo. O Projeto Divino se dá através da frágil condição daquele que foi ungido por Deus. Com isto, seus gestos e ações ultrapassam os limites da contingência humana e ganham características de eternidade.

A força da missão sacerdotal baseia-se na união hipostática, que permitiu a Jesus ter Sua Pessoa revestida de duas naturezas: divina e humana. Esta lhe deu a possibilidade de ser Sacerdote: dom e oferta. Aquela proporcionou caracteres infinitos à oferta. Assim, Deus conferiu totalidade ao gesto a Ele oferecido. A oferta humana, mais generosa que fosse, seria incompleta, seja quanto à adoração, louvor, súplica ou reparação. Em Cristo, reúne-se a humanidade inteira em perfeita oferta ao Pai, pela força do Espírito Santo.

Ser Padre é agir *in persona Christi*, sendo ordenado para *Lavar os Pés da Humanidade*, ou seja, prestar-lhe o serviço da salvação. É entregar a vida a Jesus para com Ele, por Ele e n'Ele, tornar-se oferta gratuita à humanidade. Nenhum encargo, dentro ou fora da instituição eclesial, sequer alcança tamanha honra e igual responsabilidade. Sua felicidade consiste em **ser um com Jesus Cristo**, abrindo-se à graça sacramental, onde Deus age através da natureza humana. A eficácia da missão do Sacerdote se dá por ser ele "Alter Christus."

No Calvário, Jesus esgotou a totalidade do mistério da Salvação. No entanto, Seu propósito em dar-lhe dinamicidade ininterrupta transparece ao completar Seu "êxodo", antes da ascensão, quando instituiu o Mandamento do Amor, SACERDÓCIO E EUCARISTIA.

Padre Paulo Dionê Quintão - Pároco



31/5 a 13/6 - Trezena e Festa de Santo Antônio

4 - Solenidade de Corpus Christi

Missas no Santuário: 7h, 15h e 19 horas

Procissão Eucarística, 16 horas

Comunidade Santo Antônio: Missa e Procissão, 9 horas

7 - Primeira Comunhão Eucarística: Comunidade Santa Clara

12 - Solenidade do Sagrado Coração de Jesus

14 - Primeira Comunhão Eucarística: Com. São Vicente de Paulo

21 - Primeira Comunhão Eucarística: Com. Senhor dos Passos

21 - Primeira Comunhão Eucarística: Santuário

21 - Dia do Adolescente - ESEDRA

28 - Primeira Comunhão Eucarística: Comunidade N. Sra. Lourdes

29 - Aniversário de Ordenação: Padre Dionê: 42 anos!

Santas Missas e demais celebrações

Santuário Santa Rita de Cássia:

Segunda a sexta-feira: 15h e 19h; sábados: 7h e 19 horas

Domingos: 7h, 10h, 17h e 19h30 - Batismo: 11h30

Santa Luzia (Carlos Dias): Aos sábados, às 18 horas

São Paulo Apóstolo: Aos sábados, às 19 horas

Santo Antônio: Aos sábados, às 19h e aos domingos, às 9 horas

Nosso Senhor dos Passos: Aos domingos, às 8h30

São Vicente de Paulo: Domingos, às 8h30 e 1.^{as} sextas-feiras, 19h30

Santa Clara: No primeiro, terceiro e quinto domingos, às 10 horas

São Francisco de Assis: No segundo e quarto domingos, às 10 horas

Nª Sra. de Lourdes: Aos domingos, às 18 horas

Cantinho Amigo

Da: PASCOM

Para: Aniversariantes

Maria Aparecida Fialho Soares (1);
Aline Cristina Valente (2);
Sônia Teixeira Guimarães Vilela (4);
Júnio César Acácio, Amanda Cota Ferreira (6);
Sérgio Pascini, Nilo Sérgio (7);
Lúcia Maria de Carvalho Zamperline (10);
Ademar de Oliveira e Silva;
Carmem Helena Bernardino (11); Maria das Graças Silva (13);
Maria Alice Rosa de Assis (14);
José Geraldo Tostes, Geisla Pascini (15);
Maria das Graças Chaves, Rogério Fuscaldi (16);
Celme Sodré Cupertino (18); Mércia Cardoso Cognalato,
Evangalina Bezerra de Barros,
Geracina Antônio dos Santos (20);
Inês Teixeira de Oliveira,
Maria Helena Diogo Sampaio (23);
Guilherme Augusto Mendes da Silva (27);
Vânia Lima Vianna (30)

Felicidades!

NA CASA DO PAI

Adão Lopes Moreira
Amélia Pereira Liporazi
Ana Maria R. F. Ribeiro
Andreia Costa Reis
Andreina Martins Fonseca
Augusta Martins da Silva
Carmem Lúcia C. da Silva
Cecília Ferreira dos Reis
Cecy de Oliveira Almeida
Celso Gama Batista
Clara Eunice M. R. Martins
Dirce Rodrigues
Etelvino Gonçalves
Fernanda Pires
Filipe Rodrigues de Souza
Francisco Bento Pires
Geraldo da Silva Monteiro
Geraldo Magela T. Vital
Helena Gomes Toledo
Inês Fernandes de Queiroz
Jaqueline Amantino Barros
Jésus Ferreira dos Santos
João Batista R. de Oliveira
João Bosco Ravaiane
João Murilo Salgado
Joaquim Euzébio da Silva
José Agostinho Marcos
José Antônio da Silva
José Basílio de Melo

José Lopes Duarte
José Maria de Sá
José Mário Machado
José Perezini Neto
José Ruy Cognalato
Luciano Lelis Leal
Lucy Nogueira de Oliveira
Luís Rogério Amorim Costa
Luiz Otogarmim Lopes
Luiza Queiroga Ferreira
Maciel Marçal Dias
Maria Bittencourt de Lelis
Maria das Dores Lelis Soares
Maria das Graças S. Carvalho
Maria de Lourdes R. Tensol
Maria Francisca de J. Pires
Maria Inês Silva
Maria Lopes Duarte (Lica)
Maron Antônio Khoury
Maurício Gonçalves Adriano
Neusa Maria B. Abreu e Silva
Nívia Maria da Silva Soares
Reginaldo Antônio Souza e Silva
Renato Moreira Pinheiro
Ronald Figueiredo Albuquerque
Sebastiana Lopes de Oliveira
Virgílio José de Melo Filho
Zaine Calil Duarte Teixeira

O AMOR FRATERNAL

Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho*



O verdadeiro cristão combate continuamente o individualismo, consagrando ao semelhante o melhor de si mesmo, à luz do preceito de Cristo: "O que fizestes a um dos menores destes meus irmãos, a mim o fizestes" (Mt 25,40). Portanto, se tudo aquilo que se faz ao próximo é feito a Jesus tem em si um valor eterno. É preciso consequentemente toda a atenção, uns com os outros, no amor, na doação contínua, sendo solícitos em tudo. Onde a necessidade de um diálogo fraterno que leva à superação dos conflitos no trato diário em casa, nos lugares de trabalho e de diversão, enfim, na comunidade na qual se vive. Acolhida, respeito, ajudas devem assinalar a conduta do seguidor do Filho de Deus. Tudo isto inclui estreitar sempre mais os laços espirituais com nossos semelhantes, consagrando-lhes o melhor de nossos pensamentos, de nossas vontades e de nossos amores. O próximo que é preciso amar é um próximo humano em sua personalidade única, impossível de confundir-se com outra ou com Deus, embora a amemos em Deus e na comunhão de todas as outras pessoas com Deus. Trata-se de uma solidariedade universal da qual resulta um intercâmbio de dons. Isto porque a personalidade dos outros é uma riqueza incomparável também a nosso serviço. Traz para nós crescimento, estímulo e retificação de procedimento, desde que se tenham olhos para ver as virtudes alheias e não os seus defeitos. Todo julgamento temerário deve ser afastado, mesmo porque somente Deus é o juiz de tudo, como lembra o salmista (Sl 49,6). Os bens espirituais são partilhados por meio do conselho oportuno, do bom exemplo, da oração. Deste modo, somos assim devedores uns dos outros. O autêntico discípulo de Cristo sabe, igualmente, que toda discussão é vã, e feliz é aquele que sabe adivinhar a riqueza do coração do próximo, irradiando a verdade com tato e diplomacia, contagiando o outro com uma atitude coerente. Compreender o próximo é entrar na noite de seu coração para levar-lhe o dia das luzes divinas. Nunca se deve esquecer de que a verdade religiosa aparecerá sempre mais ou menos na medida daquele que a anuncia. Levar ao próximo palavras vividas e revividas, do contrário seriam palavras ocas, improdutivas, inoportunas. O papel do imitador de Cristo não é expor a verdade, mas de colocar o outro em face da verdade, na qual ele mesmo vive. Desta maneira, a verdade será contemplada e acatada. É o poder indiscutível da autenticidade de quem fala e deseja o bem do outro. É o glorioso apostolado da santidade de vida, fundamentado este apostolado num mensageiro que encarna o que fala. De tudo isto resulta a necessidade de uma profunda humildade que leva ao combate da vaidade pessoal e da vanglória que são estéreis e impotentes. É que "o amor é circunspeto, humilde e reto; não é frouxo, nem leviano, nem vaidoso; é temperado, casto, firme, quieto e precatado na guarda de todos os sentidos", como ensina o Livro "Imitação de Cristo" (Liv V, c.5). Então a comunicação com o próximo é de um valor inestimável, porque se trata de comunicar Jesus com um estilo eletrizante. Assim sendo, a relação com os outros não se realiza com laços verbais inconsistentes, mas com ações produtivas, benéficas e ativas. Disto resulta a paz fortalecida pela caridade. Não adianta amar a paz se não há um combate persistente às paixões contrárias ao amor ao próximo. Eis por que São Paulo mostrou que "a caridade é paciente, é benigna; a caridade não é ciumenta, não é orgulhosa, não é indecorosa; não é interesseira, não se irrita, não guarda rancor; não folga com a injustiça, mas, se alegre com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre" (I Cor 13,4-8). Esta é a paz que vem de Deus e da qual o caridoso é o mensageiro na sua vida cotidiana. É uma paz que se alimenta no amor do Pai e do Filho no Espírito Santo. O cristão é chamado a ser o portador desta paz que, segundo Santo Agostinho, é "a tranquilidade da ordem", sendo dela o artífice através de uma irradiante fraternidade. Entre todas as afeições, entre todos os movimentos de coração, entre todas as virtudes, o amor fraterno deve então presidir e reinar, porque todos somos filhos de Deus e "Deus é amor", como bem se expressou São João (1 Jo 4,8). A caridade fraterna deve reger e temperar todas as ações do cristão. Com efeito, Deus, tendo criado o homem à sua imagem e semelhança, quer que nele tudo seja ordenado pelo amor e para o amor. Eis por que aos gálatas São Paulo ensinou que "toda a lei se compendia nesta simples palavra: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo" (Gál 5, 13-14).

*Professor no Seminário de Mariana durante 40 anos

SEMEANDO

santarita_vicosa@yahoo.com.br
www.facebook.com/paroquiasantaritavicosa
Site:www.santaritavicosa.com.br
Secretaria Paroquial
Praça Silviano Brandão, s/n - Tel.: 3891-1266
Rua Benjamim Araújo, 28

Equipe:

Eliane
Maura
Vânia
João Batista
Padre Dionê
PASCOM

Colaboradores: Cônego Vidigal e Padre Cassimiro

Investidura Ministério da Comunhão Eucarística Comunidade Santa Luzia



A VIDA CONSAGRADA (81)

Padre José Cassimiro Sobrinho*

Exortação Apostólica Pós-Sinodal VITA CONSECRATA (Continuação)

49.^a *As monjas de Clausura* (n. 59): Os Padres Sinodais manifestaram um grande apreço pelo valor da Clausura, dedicando-lhe todo o número 59 do documento pós-sinodal. Esta consagração radical a Deus tem atraído inúmeras vocações, mundo afora. Este florescimento vem alegrando, vivamente, o coração da Igreja.

A vida monástica feminina e a clausura das monjas merecem esta atenção especial da Igreja, pelos seguintes motivos:



1) Este gênero de vida constitui um sinal da união exclusiva da Igreja-Esposa com o seu Senhor, sumamente amado. A vida das monjas de clausura, dedicadas à oração, à ascese e ao diligente progresso espiritual, é um direcionamento para a Jerusalém celeste; uma antecipação da Igreja escatológica, fixa na posse e na contemplação de Deus.

2) As clausuras são uma exigência prioritária para estar com o Senhor. Com seus espaços delimitados, suas renúncias e sua pobreza radical, elas participam do aniquilamento de Cristo. As religiosas enclausuradas oferecem-se, com Jesus, pela salvação do mundo. Esta oferta, além de ser um sacrifício e expiação, é, também, um agradecimento ao Pai.

3) A clausura, além de ser um meio ascético de imenso valor, é, também, um modo de viver a Páscoa de Cristo. Através da experiência de morte, torna-se superabundância de vida; um jubiloso anúncio e antecipação de viver, unicamente, para Deus, oferecido a cada pessoa e a toda a humanidade.

4) A clausura evoca a cela do coração, onde cada um vive a união com o Senhor. É o lugar da comunhão espiritual com Deus e com os irmãos. A limitação dos espaços e dos contatos contribui para a interiorização dos valores evangélicos. Para isso, deve ser acolhida como dom e escolhida como livre resposta de amor.

5) Como lâmpadas sobre o candelabro, as comunidades claustrais representam a meta para a qual caminha a Igreja, isto é, para a futura recapitulação de tudo em Cristo. Então a Igreja aparecerá com seu esposo na glória (cf. Cl 3, 1-4), a fim de que Deus seja tudo em todos (cf. 1 Cor 15, 24.28).

6) A vida contemplativa, além de atrair numerosas vocações, produz uma eficácia apostólica e missionária extraordinária, como expressão de puro amor, que vale mais que todas as obras. O Santo Padre João Paulo II exprimiu a estas irmãs muito amadas, a sua gratidão, encorajando-as a se manterem fiéis à vida claustral, segundo o próprio carisma.

7) De acordo com o Sínodo, devem-se favorecer as Associações e Federações entre os Mosteiros, com as seguintes finalidades: a) colaborar para resolver, adequadamente, os problemas comuns, tais como: a devida renovação, a formação inicial e permanente e o mútuo apoio econômico; b) a reorganização dos próprios mosteiros. Em tudo isso, se deve respeitar a legítima autonomia dos Mosteiros.

Antes de encerrar este texto, é útil lembrar que a palavra "clausura" vem do verbo latino "*claudere*", que significa "fechar". Neste recinto é proibida a entrada de estranhos e a saída das pessoas que ali vivem, de acordo com as normas de suas constituições. A clausura é papal, quando segue as normas da Santa Sé; é episcopal, quando é regulada pelo Ordinário de lugar; é constitucional, quando é determinada pelo direito próprio do Instituto religioso.

As mulheres religiosas enclausuradas receberam esta vocação como um dom especial de Deus. Por isso, elas gozam de uma grande liberdade interior, manifestada na convivência fraterna, no sorriso sincero e na felicidade que contagia a todos que as visitam.

*Doutor em Direito Canônico

Aconteceu... Acesse... Curta... e Compartilhe Jubileu Santa Rita de Cássia



